

## Milhares viveram sem amor, mas nenhum sem água | Carta semanal 14 (2024)



Diego Rivera (México), *El Agua, Origen de la Vida* [Água, origem da vida], 1951.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Em novembro de 2023, já estava claro que o governo israelense havia começado a negar aos palestinos em Gaza o acesso à água. “A cada hora que passa com Israel impedindo o fornecimento de água potável na Faixa de Gaza, em uma violação descarada do direito internacional, coloca os habitantes de Gaza em risco de morrer de sede e de doenças relacionadas à falta de água potável”, **disse** Pedro Arrojo-Agudo, relator especial da ONU sobre os direitos humanos à água potável e ao saneamento. “Israel deve parar de usar a água como arma de guerra”, observou ele. Antes do mais recente ataque de Israel a Gaza, **97%** da água do único aquífero costeiro de Gaza já era insegura para consumo humano com base nos padrões da Organização Mundial da Saúde. Ao longo de seus muitos ataques, Israel praticamente **destruiu** o sistema de purificação de água de Gaza e impediu a entrada de materiais e produtos químicos necessários para o reparo.

No início de outubro de 2023, as autoridades israelenses indicaram que usariam seu controle sobre os sistemas de água de Gaza como um meio de perpetrar um genocídio. Como **disse** o major-general israelense Ghassan Alian, chefe da Coordenação de Atividades Governamentais nos Territórios (COGAT), em 10 de outubro, “feras humanas estão sendo tratadas de acordo. Israel impôs um bloqueio total a Gaza. Sem eletricidade, sem água, apenas danos. Querem o inferno, terão o inferno”. Em 19 de março, o coordenador humanitário da ONU para a Palestina, Jamie McGoldrick, **observou** que Gaza precisava de “peças de reposição para sistemas de água e saneamento”, bem como “produtos químicos para tratar a água”, já que a “falta desses itens essenciais é um dos principais fatores da crise de desnutrição”. “Crise de desnutrição” é uma forma de falar sobre a fome.



Faeq Hassan (Iraque), *The Water Carriers [Os carregadores de água]*, 1957.

O ataque a Gaza – cuja população inteira está “atualmente enfrentando altos níveis de insegurança alimentar

aguda”, de acordo com a **Oxfam** e a **Classificação Integrada de Fases da Segurança Alimentar** – aguçou as contradições que atingem com força a população mundial. Um **relatório** da ONU divulgado no Dia Mundial da Água (22 de março) mostra que, de acordo com dados de 2022, cerca de 2,2 bilhões de pessoas não têm acesso à água potável gerenciada com segurança, e que quatro em cada cinco pessoas em áreas rurais não têm acesso básico à água potável e 3,5 bilhões de pessoas vivem sem sistemas de saneamento. Como consequência, todos os dias, mais de mil crianças com menos de cinco anos de idade **morrem** devido a doenças ligadas à água, ao saneamento e à higiene inadequados. Essas crianças estão entre os 1,4 milhão de pessoas que morrem todos os anos devido a essas deficiências. O relatório da ONU observa que, como as mulheres e as meninas são as principais coletoras de água, elas passam mais tempo procurando água quando tais sistemas se deterioram devido à infraestrutura inadequada ou inexistente ou às secas exacerbadas pela mudança climática. Isso resultou em taxas mais altas de evasão escolar para meninas.



Newsha Tavakolian (Irã), *Sem título*, 2010-2011.

Um **estudo** de 2023 da ONU Mulheres descreve os perigos da crise hídrica para mulheres e meninas:



As desigualdades no acesso à água potável e ao saneamento não afetam a todos igualmente. A maior necessidade de privacidade durante a menstruação, por exemplo, significa que mulheres, meninas e outras pessoas que menstruam precisam acessar instalações sanitárias compartilhadas com mais frequência que pessoas que não menstruam, o que aumenta a probabilidade de infecções do trato urinário e reprodutivo. Quando não há instalações seguras e protegidas disponíveis, as opções de uso das instalações geralmente são limitadas ao amanhecer e ao anoitecer, o que expõe os grupos de risco à violência.

A falta de acesso a banheiros públicos é, por si só, um **grave** perigo para as mulheres em cidades de todo o mundo, como Dhaka, Bangladesh, onde há um banheiro público para cada 200 mil pessoas.



Aboudia (Costa do Marfim), *Les trois amis II* [Os três amigos], 2018.

O acesso à água potável está sendo ainda mais restringido pela catástrofe climática. Por exemplo, o aquecimento do oceano significa o derretimento das geleiras, o que eleva o nível do mar e permite que a água salgada contamine mais facilmente os aquíferos subterrâneos. Enquanto isso, com menos neve, há menos água nos reservatórios, o que significa menos água para beber e usar na agricultura. Como mostra o relatório da ONU, já estamos observando o aumento das secas, que agora afetam diretamente pelo menos 1,4 bilhão de pessoas.

De acordo com as **Nações Unidas**, metade da população mundial enfrenta grave escassez de água durante algum período do ano, enquanto um quarto enfrenta níveis “extremamente altos” de estresse hídrico. “A previsão é que as mudanças climáticas aumentem a frequência e a gravidade desses fenômenos, com riscos agudos para a estabilidade social”, **observa** a ONU. A questão da estabilidade social é fundamental, pois as secas vêm **forçando** dezenas de milhões de pessoas a fugir e a passar fome.



Ibrahim Hussein (Malásia), *The Game* [O jogo], 1964

As mudanças climáticas são certamente uma das principais causas da crise hídrica, mas a **ordem internacional**

**baseada em regras** também é uma das causas. Não se deve permitir que governos capitalistas apontem para uma noção a-histórica das mudanças climáticas como uma desculpa para se esquivar de sua responsabilidade na criação da crise hídrica. Por exemplo, nas últimas décadas, os governos de todo o mundo negligenciaram a atualização das instalações de tratamento de águas residuais. Consequentemente, 42% das águas residuais domésticas não são **tratadas** adequadamente, o que prejudica os ecossistemas e os aquíferos. Ainda mais preocupante é o fato de que apenas 11% das águas residuais domésticas e industriais estão sendo **reutilizadas**.

O aumento do investimento no tratamento de águas residuais reduziria a quantidade de poluição que entra nas fontes de água e permitiria um melhor aproveitamento da água doce disponível no planeta. Há várias políticas sensatas que poderiam ser adotadas para resolver imediatamente a crise hídrica, como as **propostas** pela ONU Água para proteger mangues costeiras e zonas úmidas; coletar água da chuva; reutilizar águas residuais; e proteger as águas subterrâneas. Mas esses são exatamente os tipos de políticas que encontram a **oposição** de empresas capitalistas, cujo lucro é incrementado por meio da destruição da natureza.



Em março de 2018, lançamos nosso segundo dossiê *Cidades sem água*. Vale a pena refletir sobre o que mostramos naquela época, seis anos atrás:

O Documento Técnico VI do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, junho de 2008) é sobre mudanças climáticas e água. O consenso científico nesse documento é que as mudanças nos padrões climáticos – induzidas pelo capitalismo intensivo em carbono – têm um efeito negativo sobre o ciclo da água. As áreas onde haverá maior precipitação podem



não ver mais água subterrânea devido à velocidade da chuva, que criará um movimento rápido de água para os oceanos. Essas chuvas de alta velocidade não reabastecem os aquíferos (fontes naturais de água) nem permitem que a água seja armazenada pelos seres humanos. Os cientistas também preveem taxas mais altas de seca em regiões como o Mediterrâneo e o sul da África. Foi esse relatório técnico que apresentou o número de mais de um bilhão de pessoas que sofrerão com a escassez de água.

Na última década, o Programa Ambiental das Nações Unidas alertou sobre o crescimento de estilos de vida com uso intensivo de água e poluição da água. Ambos – estilos de vida e poluição – são consequências da disseminação das relações sociais capitalistas e dos mecanismos produtivos capitalistas em todo o planeta. Em termos de uso no estilo de vida, o morador médio dos Estados Unidos consome entre 300 e 600 litros de água por dia. Esse é um número enganoso. Isso não significa que os indivíduos consumam quantidades tão altas de água. Grande parte dessa água é usada pela agricultura e pela produção industrial, ambos com uso intensivo de água, incluindo a produção de energia. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda o uso de 20 litros de água por pessoa por dia para higiene básica e preparação de alimentos. A diferença entre os dois não é acidental. Trata-se de um estilo de vida com uso intensivo de água – uso de máquinas de lavar roupa e louça, lavagem de carros e rega de jardins, bem como o uso de água por fábricas e fazendas industriais.

A poluição da água é um problema sério. Em Esquel, Argentina, as pessoas viram que os agentes poluentes da mineração corporativa de ouro estavam arruinando sua água potável. “A água vale mais do que o ouro”(El agua vale más que el oro), diziam eles. Técnicas impiedosas de extração por empresas de mineração (com o uso de cianeto) e de cultivo pelo agronegócio (com o uso de fertilizantes e pesticidas) arruinaram os reservatórios de água limpa. O ouro azul deles, dizem os habitantes de Esquel, é mais importante do que o ouro real. Eles realizaram uma assembleia pública em 2003, na qual afirmaram seu direito à água contra os interesses das empresas privadas.

Vale ressaltar que a quantidade de água necessária para sustentar 4,7 bilhões de pessoas no mínimo diário da OMS seria de 9,5 bilhões de litros – a quantidade exata usada todos os dias para regar os campos de golfe do mundo. A água usada por 60 mil vilarejos na Tailândia, por exemplo, é usada para regar um campo de golfe na Tailândia. Essas são as prioridades de nosso sistema atual.

Em outras palavras, regar campos de golfe é mais importante do que fornecer água encanada para as milhares de crianças com menos de cinco anos que morrem todos os dias devido à falta deste bem da natureza. Esses são os valores do sistema capitalista.

Cordialmente,

Vijay.

